

O texto literário como objeto de estudo (legítimo) em linguística

Ana Sousa Martins

Abstract: The aim of this presentation is to review the development of the relationship between language studies and literary studies, ascertaining the ontological and methodological reasons why, at different times, this relationship was minimized.

Two situations will be taken into account in order to justify the full legitimacy of studying the literary text through the lens of linguistics:

(i) The way natural language acts in the literary phenomenon: in the literary text, language is activated in a marked or altered way, but always assuming some limits which are derived from the forms and principles of the linguistic system.

(ii) The way literature acts in the language, as in the case of vocabulary expansion as a consequence of the literary activity through times.

In addition, it will be developed an analysis of the poem *Imagem* by Miguel Torga in the light of the deictic referencing phenomenon, particularly regarding the relationship between sui-referentiality and exogenous referentiality as a maximally effective mechanism of fictive transposition.

1. O estudo do fenómeno linguístico da/na literatura teve uma longa tradição filológica que terminou com a constituição da linguística como disciplina de método e objeto autónomos. Daqui resulta que, presentemente, nem os investigadores da área dos estudos literários tendem a recorrer ao instrumentário da linguística para a fundamentação da descrição e crítica do texto literário, nem os linguistas tomam o texto literário como objeto de inquirição que resulte numa melhor compreensão do fenómeno linguístico.

No que toca à crítica literária, análise estilística ou *close reading*, o linguista olhará para o trabalho do teórico da literatura como limitado ou superficial por este ignorar o funcionamento de estruturas gramaticais e semânticas. Por sua vez, o teórico da literatura descartará qualquer abordagem do texto literário que não ative uma reflexão filosófica sobre a ontologia do fenómeno literário.

A título de exemplo, após pesquisa no *Website Linguistic List* sobre anúncios de congressos, apurámos, de julho a dezembro de 2019, 526 entradas, sendo que apenas seis congressos contemplavam algum tipo de cruzamento ou associação entre a linguística e a literatura, uns com enfoque na área da tradução, outros no cruzamento com o discurso dos *media*, outros ainda associados ao estudo dos géneros literários.

Encontramo-nos hoje longe, portanto, de responder à questão que Roland Barthes colocava em 1968: «N'est-il naturel que la science du langage (et des langages) s'interesse à ce qui est incontestablement langage, à savoir, le texte litteraire?» (Barthes, 1968: 3).

As razões de ordem ontológica que subjazem a esta cisão são fáceis de reconhecer. A linguística fundou-se na instituição da primazia do oral, tomando a escrita como artefacto. Cumulativamente, a linguística enquanto ciência, é alheia à prática de juízos de valoração estética do objeto estudado. O objetivo último da investigação em linguística, ou seja, o apuramento de princípios e regularidades aplicáveis às manifestações linguísticas, parece sair gorado quando o objeto é o texto literário. A linguística, enquanto estudo formal, atém-se à decomposição do seu objeto, pela verificação das suas unidades constitutivas e das relações de dominância e subordinação que entre elas se estabelecem, bem como da sua funcionalidade face ao todo de que fazem parte, com vista à obtenção de um objeto virtual, por via da recomposição de todas as unidades. Por esta via, todos os objetos empíricos tornam-se versões de um objeto virtual.

O apuramento de um objeto virtual literário é ontologicamente uma impossibilidade devido à originalidade, experimentação e inovação estética inerente ao fenómeno literário. É absurdo constituir noções operativas de “gramaticalidade” ou de “universal” para a forma literária. O mesmo se aplica à delimitação, por exemplo, de uma comunidade de interactantes no seio de um código literário.

Tendo, porém, presente que a manifestação literária é uma manifestação linguística e que é paradoxal aquela estar fora da esfera da análise dos estudos linguísticos, é possível reconhecer três tipos de operacionalização das relações entre a linguística e os estudos literários.

A primeira concerne a uma bordagem bi-disciplinar da produção literária, em que se procura estabelecer um *continuum* entre a disciplina Linguística e a disciplina Estudos Literários. Aguiar e Silva é figura cimeira desta abordagem: «Sem imperialismos científicos da linguística e sem complexos de fragilidade por parte dos estudos literários é possível, é importante e é necessário que exista, se desenvolva e se aprofunde entre os dois campos de conhecimento um diálogo e uma cooperação interdisciplinares, sem prejuízo da larga autonomia que cabe a cada campo, em termos de ensino e investigação.» (Aguiar e Silva, 2010:166)

Ascende esta abordagem à tradição filológica que integra os estudos de cultura, edição textual, historiografia, estilística, crítica das fontes, etimologia, crítica textual, exegese, sociologia da circulação literária, etc. Neste quadro, a crítica textual buscava conhecer a natureza do fenómeno literário, a peculiaridade da referência poética e a singularidade do processo enunciativo que a instancia. O artigo “Crítica filológica e compreensão poética” (1973), de José Herculano de Carvalho, consolidou um filão de atuação investigativa que não mais foi recuperada. O mesmo pode ser dito dos trabalhos de Óscar Lopes, que trespassavam as fronteiras das duas disciplinas na assunção plena da dependência uma da outra, em passagens como a que esta ilustra: «...suponho ainda que, para a apreensão mais fina da poesia, não serão indiferentes o facto de, por exemplo, a palavra “isto”, nos seus mais óbvios usos em português, exigir que o contexto desambigue entre os 76 principais tipos diferentes de localização espacial que comporta.» (Lopes, 1986:21).

A segunda ordem de relação entre a linguística e os estudos literários ocorre apenas pelo uso que a linguística faz do texto literário como fonte de atestação, em que quer a gramática normativa, quer a gramática descritiva tomam segmentos do texto literário como modelos de correção gramatical ou fontes de atestação, respetivamente. Há ainda a considerar alguma análise conversacional dedicada a traçar as diferenças entre os diálogos naturais e os diálogos ficcionais. Em todo o caso, o texto literário é considerado uma prática discursiva de entre outras no âmbito de um universo de usos possíveis da língua.

O terceiro tipo de relação entre a linguística e a literatura é a que considera o texto literário na sua natureza autotélica, fixando-se no facto de a produção literária não ser apenas lugar de uso da língua, mas de exploração das virtualidades da língua e de re-criação da língua. A excecionalidade do dizer literário decorre a um tempo da consolidação de mecanismos expressivos e da sua perversão. Os abundantes e inspiradores trabalhos de Fernanda Irene Fonseca exemplificam e advogam em favor desta perspetiva, encetando um novo fôlego na inquirição sobre como é que a língua está diferentemente organizada no ato verbal literário. É, pois, este o «tipo de abordagem do texto literário perspectivado a partir da teorização linguística que o encara como lugar de plenitude funcional da língua.» (Fonseca, 2000: 41).

É neste quadro que nos parece defensável a assunção do texto literário como objeto de pleno direito dos estudos linguísticos. As diferentes vias de justificação desta assunção são facilmente identificáveis, não só atendendo ao modo a língua é ativada na produção literária (o que já não seria pouco), mas também no modo como a atividade literária atua na língua. Veja-se a propósito o legado lexicográfico que a obra de Shakespeare deixou a língua inglesa ou que a cronística da Expansão deixou ao português, por exemplo. Há por último a considerar o

modo como a literatura atua na teorização linguística, de que é supremo exemplo a obra *Alice através do Espelho* e os contributos que trouxe para a Filosofia da Linguagem.

2. A análise do poema *Imagem*, de Miguel Torga, que a seguir se apresenta é um exercício de análise do texto literário perspectivado como um ato de linguagem exploratório do sistema da língua.

Trata-se de um poema que se presta à focagem de aspetos muito pertinentes quando articulamos o estudo da deixis com o estudo da poesia. O discurso poético aponta, em primeiro lugar, para si próprio, configurando a evidência física que é o poema: três quadras, versos de métrica variável. A partir da constatação desta evidência, fica enquadrado o estudo deste texto como poema deíctico no sentido em que ele representa o “cúmulo” da sui-referencialidade.

O contexto desta primeira mostraçãõ é sensorial e cognitivamente perceptível. Vemos já que a referida mostraçãõ ativa simultaneamente um campo concreto e um campo textual. O sujeito poético radica as coordenadas enunciativas numa *origo* actual: *EU-poeta dirijo-me a um TU-leitor e apresento-te o meu poema que tu podes capturar com os olhos*. Aquele ponta pois para uma evidência real: “o poema...”. Imediatamente a seguir – e só numa posiçãõ posterior devido à limitaçãõ psicofísica imposta pela linearidade da linguagem – o sujeito poético evidencia o campo mostrativo *in absentia* configurado pelo próprio discurso poético: “...de uma macieira.”

Mas a simultaneidade entre o dizer e o ser triunfa sobre qualquer limitaçãõ. A reproduçãõ mimética da *origo* e das coordenadas enunciativas é operada de um modo explícito e por isso surpreendente: “Quem quiser lê-lo/ quem quiser vê-lo...”. Apontar para o texto é apontar para a referência por um processo de transposiçãõ fictiva. A orientaçãõ harmónica face a um espaço imaginário é classificada na alternância dos verbos sensoriais LER e VER. O paralelismo estrutural evidencia a gradaçãõ do processo de fusãõ discurso – universo criado. LER corresponde à atividade cognitiva mediante a qual o leitor é transferido para um campo fictivo. Sabemos que essa translaçãõ e consequentes operaçãõs mostrativas só podem ocorrer mediante recursos linguísticos. E, no entanto, a seleçãõ do verbo sensorial “olhá-lo”, seguido do deíctico espacial “daqui”, subverte todo o processo de transposiçãõ descrito: o leitor é guiado num campo perceptivo concreto e simultaneamente fictivo: *EU e TU, aqui, nesta tarde de primavera, olhamos uma macieira que floriu assim*. O sujeito poético instaura a incursãõ do leitor neste mundo presente-ausente, quando afavelmente lhe propõe a contemplaçãõ partilhada: “Venha olhá-lo daqui a tarde inteira.” Este ato ilocutório de convite, para além de cumprir uma funçãõ cognitiva, simultaneamente transmite uma avaliaçãõ do mundo: a existênciã humana coroada do que de mais simples, natural e belo a Terra dá: “Mas em redor / Não há coisa mais pura / Nem promessa maior.” O enunciador convida-nos a ver pelo seu mundo o seu mundo. Mas o sujeito poético é um mau guia: não parece haver da sua parte a dádiva ao leitor de um mundo novo. A situaçãõ fictiva é apresentada enquanto plenamente compartilhada pelos “interactantes poéticos”. Tal facto é evidenciado particularmente pelo emprego do deíctico circunstancial “assim”, para além de todo o dispositivo deíctico aí atualizado: “daqui”; “a tarde”; “assim”; “Neste lirismo”. Neste sentido, o ato poético é bem uma co-produçãõ discursiva: eu, leitor, compartilho com a voz enunciativa os implícitos orientados pelas minhas crenças, experiênciãs, expectativas, sensibilidade e sabedoria. De notar que somos confrontados com um único verso aparentemente descritivo – “São dois braços abertos de brancura” –, mas que de facto passa por ser uma constataçãõ de uma evidência: fictiva ou concreta? Presente ou ausente? O contexto referencial criado pelo e no discurso poético deixa de estar ausente porque se funde com o contexto referencial presente que é o poema; ou, se quisermos, o discurso poético é de tal maneira eficaz que se se transmuta na própria realidade.

A leitura é então, plenamente, um momento de comunhãõ de mundos compartilhados. Por sua vez, essa comunhãõ repetir-se-á infinitamente; sempre diferente e sempre ativada pelo mesmo mistério: Uma macieira - ou um poema?

É inegável que o contexto referencial é criado no e pelo texto. Parece encontrarmo-nos a nível de uma referência exógena. Vemos emergir da folha de papel a própria macieira. O poder referencial da linguagem é explorado ao máximo. Tal é a eficácia da linguagem na sua função cognitiva. Mas mais surpreendente é verificar que a fusão discurso – referência é bidirecional: a própria referência configurada é dotada de tamanha beleza que dela emana poesia: "Neste lirismo fecundado." Como se a poesia patente na realidade já fosse anterior ao dizer poético.

O contexto referencial é o texto; o texto e a coisa criada são um tecido inconsútil. A «mostração linguística fictiva permite-nos surpreender, na sua génese, o processo de projeção do texto para fora de si mesmo sobre a forma de mundo» (Fonseca, 1992:151). Este poema é um corolário desse estado de coisas.

Referências

Aguiar e Silva, V. (2010) *As Humanidades, os Estudos Culturais, o Ensino da Literatura e a Política da Língua Portuguesa*. Coimbra, Almedina.

Barthes, R. (1968) *Linguistique et Littérature, Langages*, 12, pp. 3-8.

Fonseca, F. I. (1987) Referência, translação de referência e excesso referencial: uma leitura do "Excesso" em dois textos de Óscar Lopes. *Revista da Faculdade de Letras «Línguas e Literaturas»*, II série, 4, pp. 137-150.

Fonseca, F. I. (1992) *Deixis, Tempo e Narração*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida.

Fonseca, F. I. (2000) Da inseparabilidade entre o ensino da língua e o ensino da literatura. In C. Reis et al. (eds.) *Didáctica da língua e da literatura*, vol. I. Coimbra, Almedina/ ILLP Faculdade de Letras, pp. 37-45.

Herculano de Carvalho, J. G. (1973) *Crítica filológica e compreensão poética*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Assuntos Culturais.

Lopes, O. (1986). Palavras de auto-explicação, proferidas na sessão de entrega do Prémio da Crítica da Associação Portuguesa de Escritores em 1984. In *Uma Arte da Música e Outros Ensaios*. Porto, Oficina Musical, pp. 19-25.

ANEXO

Imagem

Este é o poema de uma macieira
 Quem quiser lê-lo,
 Quem quiser vê-lo,
 Venha olhá-lo daqui a tarde inteira.

Floriu assim pela primeira vez.
 Deu-lhe um sol de noivado,
 E toda a virgindade se desfez
 Neste lirismo fecundado.

São dois braços abertos de brancura;
 Mas em redor
 Não há coisa mais pura,
 Nem promessa maior.

Miguel Torga, *Diário I*